

NARRATIVAS IMAGÉTICAS NA ARQUITETURA DO PENTECOSTALISMO NA PERIFERIA DE PELOTAS

THIAGO SCHELLIN DE MATTOS¹; CLAUDIA TURRA MAGNI²

¹Universidade Federal de Pelotas, Curso de Mestrado em Antropologia – tsdemattos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Antropologia – clauturra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um exercício de entendimento e aplicação da Cartografia enquanto ferramenta metodológica na produção de conhecimento nas ciências sociais e humanas, nesse caso, especificamente, dentro da Antropologia. Faz parte dos esforços iniciais referentes a uma pesquisa de Mestrado em Antropologia na Universidade Federal de Pelotas que versa sobre a correlação entre a religiosidade Pentecostal e a configuração do espaço urbano na periferia, sendo também um recorte de trabalho apresentado à disciplina de Metodologia em Antropologia do Programa de Pós-graduação em Antropologia no segundo semestre de 2015. O exercício de campo se dá em um sub-bairro na periferia de Pelotas/RS – o Pestano – com o olhar direcionado para a religiosidade pentecostal como elemento significativamente constituinte de sentido, subjetividade e identidade.

Me ative aos registros narrativos que dispensassem menos tempo para serem coletados: os registros visuais das fachadas dos templos. Trata-se também, portanto, de um exercício de antropologia visual com o propósito de tornar expressivo através dos dados visuais, a pluralidade de discursos que se inscrevem nas narrativas imagéticas do pentecostalismo na periferia.

Com o auxílio de alguns autores (FERREIRA, 2008; PRADO FILHO e TETI, 2013) pretendi compreender e utilizar o método rizomático proposto por DELEUZE e GUATARRI (1995). Para analisar o paralelismo entre narratividade e arquitetura me baseio nas reflexões de RICOEUR (1998).

2. METODOLOGIA

Cartografar significa, em certo sentido, abrir possibilidades de pesquisa e de articulação do saber que rompem com concepções epistemológicas até então dominantes. Posto desta forma, procurei seguir as orientações da lógica rizomática no método cartográfico, “deixando falar” as imagens numa distribuição despretensiosa em relação a organização e classificações. Fui tecendo alguns comentários sobre as imagens, impulsionado por algumas questões: Quê tipo de narrativas emergem das estruturas físicas destinadas a locais de culto pentecostal? Quê diversidade de falas pode-se captar e quê recursos utilizados na constituição arquitetônica?

Escolhi, portanto, o elemento arquitetônico e estético dos locais de celebração religiosa para analisar as narrativas que emergem da própria estrutura física enquanto obra arquitetônica. Trata-se de narrativas imagéticas na arquitetura: discursos, memórias inscritas na “pedra” que transformam o espaço concreto da periferia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Pentecostalismo se inscreve numa tradição religiosa que assume em sua constituição de grupo, práticas de adaptação, improviso e provisoriedade. Essa

ênfase no movimento e essa dispersão da fé constroem uma poética de mobilidade e criatividade que se reflete nos espaços físicos transformados em templos religiosos (MAFRA, 2007). Para os pentecostais o templo religioso se estabelece num devir de possibilidades de acordo com as contingências da vida. Na periferia, talvez se acentue essa característica, ainda mais que a padronização requer normalmente recursos e esforços que o contexto socioeconômico de um bairro pobre de periferia não possui. Na falta de um padrão idealizado, se assume a postura do imprevisto e da criatividade para criar com o que se tem. Daí, muitas coisas podem virar templo: casas, garagens, salões, ou mesmo as construções específicas para tal propósito.

A partir desse enunciado que marca um discurso específico sobre os templos pentecostais (sobretudo na periferia), e que mostra, de todo modo, a configuração de um padrão, nos permitiremos daqui em frente, a partir do que as imagens nos comunicarem, conceber as variações dentro deste padrão, ou mesmo, certas rupturas com ele.



(Figuras 1 e 2)

Nas figuras 1, 2 e 3, as construções são projetadas para identificar a qualidade específica de templo religioso. Não possuem torres, sinos ou cruzeiros, como os templos católicos e protestantes históricos, seguindo uma tendência mais enfaticamente iconoclasta. Mesmo assim, embora ainda lembre a fachada de uma casa comum, alguns detalhes na arquitetura, como arcos, colunas, portas e janelas arqueadas, mostram um traço intencionalmente diferenciado. Aqui não há indícios de reconfiguração. São templos fixos, planejados, e com algum grau de padronização, que podem constituir lógicas de produção simbólica que se aproximam do modelo sedentário de outras igrejas com templos próprios.

Na figura 3 temos a foto de um templo da “Assembléia de Deus” em construção. Apesar de inacabado, mostra um grau maior de padronização, destacando-se também pelas dimensões maiores. A configuração do espaço neste caso, mostra um processo que não espera ficar plenamente acabado para ser utilizado para os devidos fins. Isso revela um pouco sobre as contingências do lugar e a urgência da necessidade do templo para a habitação da fé. A improvisação neste caso se dá, talvez, em função da inconclusão do prédio, mas não através de uma releitura arquitetônica, já que essa narrativa está em processo de conclusão (como um livro que começamos a ler antes mesmo de sua escrita ter sido concluída).

Nas figuras 4 a 8 acontece o que Ricouer (1998) chama de reconfiguração. É uma releitura do espaço construído. Observa-se placas de igreja sobre fachadas de garagens e portões de salões. Aqui os templos são prédios adaptados que servem de local de culto.



(Figuras 3 e 4)



(Figuras 5 e 6)

Na igreja da figura 6 o muro e as grades que cercam a frente mostram algumas evidências de definição do espaço. Embora lembre muito, não parece se tratar de uma garagem, mas sim, de uma estrutura propositalmente construída para ser algum estabelecimento (comercial ou religioso). Se for o caso específico de configuração de uma igreja, vai se tratar de um curioso caso onde a configuração reproduz um modelo de reconfiguração, o que pode revelar que os “templos-garagens” podem estar se tornando um padrão de configuração, passando de um processo acidental, ou mesmo estrutural para a formação de uma relação estruturante.



(Figuras 7 e 8)

No detalhe da figura 9 é possível notar, além do nome da igreja inscrito na

parede da garagem, uma faixa logo ao lado na parede lateral com a inscrição: “Aluga-se”. Os prédios podem assumir a característica de pontos de passagem no circuito de deslocamento das igrejas, se constituindo assim, em uma etapa na memória da trajetória do grupo religioso.

A figura 8 é o detalhe na fachada de uma casa onde hoje residem pessoas, mas que, ao que parece, em algum passado recente foi também o local de culto de alguma denominação pentecostal. As inscrições meio apagadas permitem ainda identificar sem muitas dificuldades as palavras “pentecostal” e “assembléia”. A reconfiguração do espaço construído aqui retoma significados anteriores. Uma casa que se transformou em templo e agora volta a significar uma casa novamente.

4. CONCLUSÕES

Com essas imagens busquei utilizar o método cartográfico, diferentemente da cartografia tradicional, para tratar do pentecostalismo na periferia como objeto de estudo posto num processo que

trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade. (PRADO FILHO e TETI, 2013, p. 47).

A arquitetura e a estética das fachadas dos templos pentecostais com suas mensagens são maneiras de enunciar um discurso que tem a ver com modos de objetivação, de subjetivação, de estetização da experiência pentecostal. As resignificações das construções e a memória do deslocamento imprimidas no concreto (a condensação do tempo segundo Ricoeur) não deixam de ser narrativas de resistência às contingencialidades específicas do contexto da periferia. É possível apreender do conteúdo visual exposto que as igrejas pentecostais são uma amostra de discursos e soluções variadas para a constituição do espaço da experiência religiosa na periferia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995

FERREIRA, Flavia Turino. Rizoma: um método para as redes? Liinc em Revista, v.4, n.1, março 2008, Rio de Janeiro, p.28-40.

MAFRA, Clara. Casa dos homens, casa de Deus. **Análise Social**, vol. XLII (182), 2007, 145-161.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.38, p.<45-59>, jan./jun. 2013.

RICOUER, Paul. Arquitetura e narratividade. In: **Urbanisme**, n.303, nov/dez 1998, pp. 44-51.